

**1720, 5 de Novembro e 1723, 30 de Setembro, Évora e Lisboa. Sessão de genealogia do processo inquisitorial de Diogo José Ramos**

(Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, processo n.º 1647, fls. 202-208)

Aos cinco dias do mês de Novembro de mil e sete[centos] e vinte anos, em Évora, na casa do despacho da Santa Inquisição, estando aí, em audiência de tarde, o Senhor Inquisidor Inácio de Cabido de Vasconcelos, mandou vir, perante si, a Diogo José Ramos, réu preso, conteúdo nestas autos, e sendo presente, lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos, em que pôs sua mão, sob cargo do qual lhe foi mandado dizer verdade e ter segredo, o que prometeu cumprir .

Perguntado se cuidou em suas culpas, como nesta mesa lhe foi mandado, e as quer confessar para descargo de sua consciência, salvação de sua alma, e bom despacho de sua causa.

Disse que sim, cuidara, mas que não tinha culpas que confessar, pelo que lhe foram feitas as perguntas seguintes de sua genealogia, a que respondendo, disse:

Que ele se chama Diogo José Ramos, não sabe de sua qualidade, administrador geral dos estancos nas comarcas de Beja e Ourique, casado com Rosa Margarida, também não sabe de sua qualidade, natural da cidade de Saragoça, reino de Castela, e morador em a de Beja, de trinta e cinco anos de idade.

Que seus pais se chamarão Hieronimo Lopes Ramos, contador de uma contadoria de fazendas, e Ana Maria, não sabe de suas qualidades, nem com certeza se eram naturais da sobredita cidade de Saragoça, onde moraram e entende foram falecidos.

E que a seus avós paternos e maternos não soube os nomes, nem que qualidade tinham ou ocupações, nem donde fossem naturais ou moradores, e poderá ser que o fossem na dita cidade de Saragoça.

E declara que ele, sendo secretário dos Marqueses de Nisa Dom Francisco e Dom Vasco da Gama, a tempo que assistiam na sobredita sua vila, o estavam também em ela umas comediantas chamadas Paturnilha e Josefa, a quem não sabe os sobrenomes, e estas eram naturais da sobredita cidade de Saragoça.

E porque o sobredito Marquês Dom Vasco falava com elas muitas vezes e ele, réu, era seu secretário, e de quem fazia muita estimação, entende que das sobreditas mulheres se informou de quem ele era e de sua qualidade e de seus pais e avós.

E declarou mais que quando as sobreditas comediantas assistiam na Vidigueira e os ditos marqueses era no ano de mil e seiscentos e noventa e nove.

E declara também que, assistindo na corte de Lisboa, logo que se romperam e declararam as guerras entre esta coroa e a de Castela, Dom Ignacio Basso e Dom Pedro Henriques, clérigo do hábito de São Pedro, não sabe de que terra fossem naturais ou moradores certamente, mas eram espanhóis, com as sobreditas teve o referido Marquês Dom Vasco boa amizade e entende que com os mesmos falou sobre o nascimento e qualidade dele, réu, por algumas palavras que o mesmo marquês lhe disse e pelo que tem exposto, sendo perguntado o dito Marquês, poderá ser que dê notícia da sua qualidade e de seus pais.

Declara mais que ele, sendo criança, veio remetido da sua terra à corte de Madrid, para casa de uns cavalheiros chamados Dom Alonso de Córdoba e Dom Bernardo Salamance, não sabe se eram solteiros, e viviam em casa de Dom Graviel Buscara, casado não sabe com quem, e eram contadores de fazendas ou *milhoins* e negócios, moradores junto do Bairro da Cava Baixa, da sobredita corte, e que os sobreditos poderão ter notícia da sua qualidade e de seus pais e avós.

E que ele não tem notícia [que] tivesse tios alguns paternos ou maternos.

E que ele teve um irmão secretário do Vice-Rei nas Índias de Castela, a quem não sabe o nome, nem se teve mais irmãos, e que por este interrogatório quer ser novamente perguntado.

E que ele tem cinco filhos, a saber, José, Jerónimo, Miguel, Ana e Isabel, todos crianças, excepto Ana, que é casada com Miguel Lopes, cristão-velho, médico, natural e morador em Santiago do Cacém, de quem tem José, menino.

E que ele, como dito tem, se chama Diogo José Ramos, casado com Rosa Margarida, não sabe de sua qualidade, administrador dos tabacos nas comarcas de Ourique e Beja, natural de Saragoça e morador em Beja, de trinta e seus anos de idade.

Que ele é cristão baptizado e o foi na cidade de Saragoça, e não sabe em que igreja, e supõe que pelo pároco que então era, e não sabe quem fosse seu padrinho.

E que ele é crismado, e o foi na vila de Marxiana, em a Igreja de São Domingos, pelo arcebispo de Sevilha Dom Jaime de Pellafos e Cardona, e foi seu padrinho Luís de Ortega.

E que ele, tanto que chegou aos anos da discipção, ia às igrejas, ouvia missa e fazia as mais obras de cristão.

E logo, posto de joelhos, se benzeu e persignou e disse a doutrina cristã, a saber, Padre Nosso, Avé Maria, Credo, Salvé Rainha, os mandamentos da Lei de Deus e os da Santa Madre Igreja, que tudo soube muito bem.

E que ele sabe ler e escrever, e que não aprendeu ciência alguma.

E que assistiu no reino de Castela, nas cidades de Saragoça e corte de Madrid, e em Marxianna e outras mais de passagem, e neste reino, nas cidades de Beja, Évora, Lisboa e em vila de Frades, e em algumas mais de passagem, e que em todas as sobreditas terras falava com toda a gente que se lhe oferecia.

E que não foi preso, nem penitenciado pelo Santo Ofício, mais do que agora, e que de seu parentes não foi algum de que tenha notícia. [...]

*[Declaração à genealogia]*

Aos trinta dias do mês de Setembro de mil e setecentos e vinte e três anos, em Lisboa, nos Estaus e casa primeira das audiências, estando aí, na de tarde, o Senhor Inquisidor João Álvares Soares, mandou vir perante si a Diogo José Ramos [...]

Disse que lembrado estava do que declarou na dita Inquisição em sua genealogia, em que disse que ele, declarante, se chamava Diogo José Ramos e que não sabia a sua qualidade, e era casado com Rosa Margarida, cuja qualidade também não sabia, natural da cidade de Saragoça, reino de Castela, e morador em a de Beja, e que seus pais se chamaram Hieronimo Lopes Ramos e Ana Maria, cujas qualidades ele não sabia, nem donde eram naturais ao certo, e que de seus avós paternos e maternos não soubera os nomes nem as qualidades. Porém, que querendo ele, declarante, depor, nesta mesa, toda a verdade, assim de suas culpas, como de sua qualidade e origem, declara que suposto:

Que ele, declarante, pelo discurso de alguns anos, se tivesse reputado por natural da cidade de Saragoça e por tal fosse e é havido das pessoas com quem ele, declarante, tratou, por ele, declarante, por tal se inculcar, e que como ele, declarante, fazia tenção de se defender das culpas por que o prenderam, não quis, na dita Inquisição, dar por pátria diversa terra da cidade de Saragoça, de que ele era havido e tido por natural e que não é, e também dizer a verdade do que sabia da qualidade dos ditos seus pais, como agora faz, declarando que ele, declarante, é natural da vila de Osuna, arcebispado de Sevilha, e que é cristão-novo, assim por parte paterna como materna, porquanto seu pai, Hieronimo Lopes Ramos, tinha parte de cristão-novo e, conforme a ele, declarante, lhe parece e sempre nesta opinião o teve, ainda que não sabe de certo se era inteiramente cristão-novo ou se tinha parte, nem porque via esta lhe vinha; e que sua mãe Ana Maria,

que tinha por sobrenome do Carvajal, era cristã-nova por parte de pai e mãe, como ele, declarante, soube, assim por algumas notícias que alcançou, como também pelas que lhe deu com mais certeza D. Manuel Feliz de Soria, que lhe parece era seu parente por via materna, e de sua mãe teve pleno conhecimento.

E que, suposto ele, declarante, na dita sua genealogia, outrossi dissesse que tivera um irmão e que não sabia se tivera mais, agora declara que ele, declarante, além de três irmãos que teve, que morreram de pouca idade, a quem não sabe os nomes, teve um irmão e quatro irmãs, a saber: D. Pedro Francisco Lopes Ramos, D. Manuela de Carvajal, D. Leonor Maria, D. Josefa Maria e D. Antónia Maurícia, todos, a seu parecer, naturais de Osuna.

E que o dito seu irmão D. Pedro Francisco Lopes Ramos vive nas Índias de Espanha, solteiro, e é oficial da Secretaria de Estado do Vice-Rei.

E que a dita sua irmã D. Manuela de Carvajal assiste na vila de Santa Bárbara, arcebispado de Sevilha, casada com Rafael Gomes, de quem tem quatro ou cinco filhos, um dos quais se chama Hieronimo, que é o mais velho, e uma filha por nome Ana, e os mais não sabe os nomes.

E que a dita sua irmã Leonor Maria foi casada com Luís António de Torres em a cidade de Sanlúcar de Barrameda, onde faleceu, e lhe ficaram dois filhos, Gaspar de Torres e Ana, que tem dezoito anos e é mais moça.

E que a dita sua irmã Josefa Maria vive em Messejana, comarca do Campo de Ourique, casada com José Francisco Gomes, de quem tem quatro filhos e uma filha, a saber: Francisca, de dezasseis anos, Rafael, de dezoito, Pedro, de doze, Diogo, de sete, e João, de cinco.

Que a dita sua irmã Antónia Maurícia vive ausente deste reino, não sabe em que terra, e é viúva de um fulano de Leiva, de quem teve dois filhos e uma filha, a saber: Simão, de catorze anos, Hieronimo, de dez, Isabel, de doze, dos quais o Hieronimo assiste na cidade de Beja, em casa dele, declarante, aonde também assistia a Isabel, a qual, quando prenderam a ele, declarante, foi para a dita vila de Messejana, para a companhia da dita Josefa Maria, irmã dele, declarante, e que isto é o que ele, declarante, tinha que emendar a respeito de sua genealogia [...].